

NIJINSKY, UMA CRIAÇÃO MAIOR. E VITORIOSA*

Rui Fontana Lopez

Violla faz seu personagem com a fúria e a paixão que ele merecer e requer.

Richard Buckle, principal biógrafo de Nijinsky, resumiu assim a vida do mais importante bailarino de todos os tempos: dez anos crescendo, dez anos aprendendo, dez anos dançando e trinta anos em eclipse. Em apenas uma década de trabalho, Nijinsky afirmou-se, para sempre, como um bailarino prodigioso, um intérprete iluminado e um criador revolucionário. Sua vida artística, no entanto, foi tragicamente breve: aos 30 anos teve sua primeira crise psicótica e nos 30 anos seguintes, até sua morte, em 1950, permaneceu internado em diversos hospitais psiquiátricos. A grandeza e a tragédia de vida da vida de Vaslav Nijinsky são a matéria-prima do belo espetáculo de dança e teatro de Naum Alves de Souza e J.C. Violla, em cartaz no Teatro Cultura Artística.

Nijinsky é um espetáculo três vezes vitorioso: primeiro porque Naum, autor e encenador, soube superar com talento e competência as armadilhas de uma peça-biografia. Segundo porque Violla, à frente de um elenco em geral equilibrado e competente, soube fazer de sua personagem uma criação maior. E terceiro porque Célia Gouvêa escreveu para Nijinsky uma coreografia sempre brilhante, original e fiel à iconografia que nos restou de suas criações e sua dança.

É certo que o texto ainda pode ser aparado de alguns excessos e ter sua veia trágico-mítica ainda mais sublinhada. Mas Naum é um autor que sabe se reescrever em cena, revendo e enxugando seus textos à medida que o espetáculo vivo requer. Se para o autor é difícil deixar de lado episódios, personagens e circunstâncias enquanto a peça ainda está no papel, para o encenador as exigências do palco têm falado mais alto: os textos de Naum sempre acabam encontrando sua melhor forma depois da estreia. Mas essa é apenas uma pequena ressalva para uma peça extraordinariamente bem escrita e arquitetada. Como encenador, Naum emoldurou sua criação com doses exatas de violência, beleza, poesia e verdade. Não procurou reviver o passado histórico e artístico de sua personagem em seu tempo. Tratou antes de recriá-lo e transformá-lo à luz de sua própria alma artista. Resulta disso uma encenação original, sincera e comovente, em que a luz de Abel Kopanski, a cenografia de Miro e Naum, a maquiagem e os penteados de Fabio Namatame e os figurinos de encenador estão harmoniosamente a serviço da ideia que preside o espetáculo: contar, com engenho e arte, a triste história de um grande artista.

Acredito que Nijinsky não seria o grande espetáculo em cena se a coreografia de Célia Gouvêa não fosse precisamente a que foi escrita. Baseando-se em minucioso estudo de imagens do bailarino e da época, Célia Gouvêa criou coreografias originais e ao mesmo tempo fiéis ao que se pode supor ter sido o espírito a animar Nijinsky em suas criações. É admirável a emoção que a coreografia provoca, ao mostrar não só o trajeto artístico de Nijinsky – nesse sentido as citações de Petrushka, Espectro da Rosa, Fauno, Sagração da Primavera e Jeux são sempre precisas, oportunas e fluidas – sobretudo, a tragédia de sua vida e de sua existência: a dor e os tormentos da alma do homem a caminho da loucura encontram, aqui, a sua mais perfeita tradução em gestos, danças e movimentos. Paulo Tatit e Helio Ziskind criaram para Nijinsky uma partitura eficiente e perturbadora: baseados em material sonoro de imensa riqueza – Stravinsky, Debussy e Weber – Tatit e Ziskind fornecem o melhor suporte musical para que a coreografia e o texto expressem a dimensão trágica que contêm.

* In: **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p. 7, 25 abr. 1987. Caderno de programas e Leituras - Divirta-se.

Mas dança-teatro não existe sem bailarinos-atores. E a grandeza deste Nijinsky se realiza porque existe em cena um bom elenco. É certo que algumas personagens estão melhor resolvidas que outras: penso principalmente no saboroso Stravinsky de Roberto Arduim, que não resolve com a mesma eficiência suas intervenções como Barão de Gunzburg e Jovem Diretor de Vanguarda, e em Ruth Rachou, adequada como Isadora Duncan e incompleta vivendo Emilia Markus. Mas com exceção de Guga Stroeter, um ator imaturo para enfrentar três papéis, um deles o de Serge Lifar, extremamente complexo e ambíguo na história de Nijinsky e da dança, o elenco fornece um sólido alicerce para que Celso Frateschi, como Diaguilev, Mariana Muniz, como Romola de Pulski, e Violla-Nijinsky construam interpretações brilhantes.

Mariana Muniz faz de sua Romola uma mulher real, atormentada e ambivalente em seu amor por Nijinsky. A atriz evita o caminho mais fácil e superficial de sublinhar unicamente a dimensão histórica, infantil e maniqueísta de Romola, facilmente identificável no livro que escreveu sobre o marido. Celso Frateschi compõe um Diaguilev simplesmente perfeito, percorrendo todas as nuances desse homem melíflu, contraditório, apaixonado e genial, que contribuiu de maneira tão definitiva para a história das artes do século XX.

Retornando de uma longa e sentida ausência do palco, Violla tem desta vez seu grande momento como ator e bailarino e faz de Nijinsky sua criação maior. Violla se entrega à personagem com fúria e a paixão que ela merece e requer. Mostrando um refinado sentido de tempo e composição, o ator-bailarino esculpe seu Nijinsky sem pressa ou precipitação: sabe que tem mais de duas horas em cena para dar vida, carne e alma à tragédia de Nijinsky e aproveita cada segundo de que dispõe. A intensidade acumulada em seu corpo jamais se dissipa: cada nova fala é um acréscimo, cada gesto se soma ao anterior, cada sequência dançada é um passo a mais na construção de seu patético Nijinsky.

Reunindo tantos talentos e alcançando resultado tão brilhante, Nijinsky é um espetáculo de dança e teatro completamente obrigatório.

LONGE DOS CHAVÕES, PERTO DA PERTURBAÇÃO

Alberto Guzik

Mais uma reflexão do que uma peça-biografia, Nijinsky se afasta das explicações fáceis. E fica na memória.

Nijinsky, de Naum Alves de Souza, é mais uma biografia teatralizada de Vaslav Nijinsky, o gênio da dança, que pôs o mundo do balé de cabeça para baixo no início do século. A peça, a partir da figura do mítico bailarino e coreógrafo, envereda, de um lado, por densa reflexão sobre o processo de criação artística, tocando tangencialmente na questão dos limites da invenção. De outro lado, o texto trata da delicada relação entre arte e loucura, acompanhando a desintegração de um mestre sem procurar esclarecê-la através de lugares-comuns ou chavões. O Nijinsky de Naum evita explicações fáceis; quer, antes, suscitar perguntas que respondê-las. É uma obra perturbadora, permeada de delicadeza e melancolia, cuja memória permanece viva para o espectador muito tempo depois de finda a performance.

O dramaturgo cuidou de não fazer de sua criação uma “vida e obra” convencional. Traçou do grande bailarino a biografia “informal”, contida nos limites de vasto painel, onde incluiu os episódios que lhe pareceram mais marcantes numa trajetória artística ímpar. Em cenas breves e

vivas, traça-nos o perfil do criador torturado, obcecado por sua arte efêmera, mergulhado num mundo que não compreende, sujeito a transformações tão radicais quanto às que impôs à dança. O primeiro ato traz Nijinsky genial e triunfante; o segundo mergulha-nos no penoso universo de sua loucura. Tanto no movimento ascendente quanto no descendente, o artista aparece cercado de pessoas que alegam zelar por seu conforto, mas usam-no apenas para os próprios e egoísticos fins.

A encenação, também sob a responsabilidade de Naum, revela o pulso firme desse homem de teatro na obtenção do clima sutil e particular que seus textos requerem. A montagem é arejada, leve. Corre solta na primeira parte, adensando o andamento na segunda. O desenho da marcação é dinâmico e ocupa bem o sugestivo e impreciso espaço cênico assinado por Miro e Naum. A iluminação de Abel Kopanski contribui com um desenho exato para a definição visual do conjunto.

A coreografia de Célia Gouvêa ocupa papel importante na encenação, recriando a gestualidade revolucionária de Nijinsky. Inteligentemente, e por razões compreensíveis, a coreógrafa sublinhou a importância da pesquisa gestual do bailarino, sem explorar seu lado acrobático. A música de Hélio Ziskind e Paulo Tati exibe visceral teatralidade. Os compositores obtiveram excelentes resultados tanto em criações autônomas quanto no novo desenho que deram a obras de clássicos como Bach, Stravinsky e Debussy. Os figurinos de Naum Alves de Souza, completados por acessórios de Leda Senise, definem a cronologia e a cor do trabalho.

Na irregularidade do elenco encontra-se o ponto frágil de Nijinsky. Há interpretes pouco à vontade em seus papéis. É o caso de Guga Stroeter, cujas limitações e inexperiência ressaltam particularmente na composição de Serge Lifar. Ruth Rachou, a poderosa e impotente figura de outras encenações, está quase irreconhecível em uma canhestra e pálida Isadora Duncan; é igualmente opaca sua leitura de Emília Markus, sogra de Nijinsky.

Já em outro plano coloca-se Beatriz Cardoso, que traça com precisão vários pequenos papéis, destacando-se especialmente como a primeira-bailarina Karsávina. Da mesma forma, Roberto Ippolito faz vigoroso retrato do coreógrafo Mikhail Fokine; Roberto Arduin desenha a autoridade do compositor Stravinsky e apresenta com ironia um jovem diretor de vanguarda.

Celso Frateschi vive Diaguilev, criador e empresário dos famosos Ballets Russes, amante de Nijinsky. O ator elabora a personagem com energia, mas falta a seu desenho o peso, a autoridade irrecusável que alguém tão voluntarioso e prepotente quanto Diaguilev. Mariana Muniz é Romola de Pulsky, atriz e bailarina medíocre, cujo grande feito foi casar-se com Nijinsky. Mariana, que já conhecíamos como muito boa bailarina e coreógrafa, revela-se agora atriz completa. Seu desempenho como Romola é extraordinariamente nítido. Compõe uma personagem difícil, que a peça acompanha da juventude a uma sofrida maturidade, sem perder por um instante a convicção interior e a expressividade.

J.C. Violla encontra em Nijinsky o maior desafio de sua carreira e atira-se a ele com notável empenho. Desenha o bailarino como um ser desorientado, confuso, que não sabe se expressar direito. Mas igualmente como um gênio, lutando para impor delicadas e estranhas noções de beleza a uma civilização mergulhada em crescentes barbárie e violência. Violla cede todas as forças a Nijinsky. Seu desempenho causa intenso impacto, capturando o aspecto magnífico bem como o patético de seu torturado modelo.